

Apontamentos sobre o pensamento de Mikhail Bakhtin: reflexos na pesquisa e docência

Notes on the Mikhail Bakhtin's thought: reflections on teaching and research

Raquel de Almeida Moraes

Pós-Doutorado em Filosofia da Educação
PPGE-FE/UnB
rachel@unb.br

Nanci Martins de Paula

Doutora em Educação
nancimapa@gmail.com

Resumo

Com o objetivo de delinear os reflexos do pensamento teórico de Mikhail Bakhtin na pesquisa e na docência, as autoras apontam que, na configuração da metodologia científica, a abordagem marxista considera o ser humano como sujeito concreto e agente das relações sociais numa perspectiva materialista, histórica, dialógica e polifônica, reconhecendo o princípio da alteridade. Na perspectiva bakhtiniana, essa abordagem realiza o entrelaçamento de todos os aspectos (mundos material e espiritual), abrindo espaços para uma visão não fragmentada do conhecimento na pesquisa educacional e na docência.

Palavras-chave: Abordagem marxista. Docência. Pensamento bakhtiniano. Pesquisa social e educacional.

Abstract

Aiming to outline some notes on the theoretical thinking of Mikhail Bakhtin and its effects on research and teaching, the authors analyze the Marxist approach to the configuration of scientific methodology considers the human being as a concrete subject, agent of social relations in a materialistic historical, dialogical and polyphonic perspective recognizing the principle of otherness. The Marxist approach in Bakhtinian perspective carries the intertwining all aspects (material and spiritual world), paving the way for a non fragmented knowledge for educational research and teaching.

Key words: Bakhtinian thought. Marxist Approach. Social and educational research. Teaching.

Introdução

As pesquisas sociais, na maioria das vezes, fazem uma abordagem positivista de seus objetos, seguindo o modelo linear de análise da realidade, o que demanda condições necessárias à determinação de um dado fenômeno, cujos elementos são discretamente ordenados de forma sucessiva pelo pesquisador, a partir da observação do objeto. No intuito de romper com essa visão, surgem outras formas de abordagem, sendo uma delas a sócio-histórica ou materialista dialética (marxista). Esta possibilita a realização de pesquisas sociais inseridas no dinamismo da realidade de seres humanos diferentes, sobreviventes de um mundo de relações conflituosas e transformações inimagináveis.

A leitura desse mundo incompleto e passível de evolução/destruição pode ser feita, então, por pesquisas que utilizem uma abordagem sócio-histórica pautada na perspectiva bakhtiniana. O pesquisador e/ou professor coloca-se dentre aqueles que caminham, livremente, na trilha da incompletude do conhecimento e que, por vezes, procura ver a amplitude do saber de outros para depois retomar o foco.

O texto, ora apresentado, constitui um estudo acadêmico que busca pontuar alguns aspectos do entrecruzamento da reflexão teórica de Bakhtin com a abordagem marxista da pesquisa social e educacional e suas implicações na docência.

O pensamento bakhtiniano

Mikhail Bakhtin, eminente filósofo da linguagem do século XX, russo de nacionalidade, postulou uma teoria linguística considerada uma “trans-linguística” (TOLEDO, 2005) por ultrapassar a visão de língua como sistema. Ao buscar uma nova compreensão das formas de produção de sentido, na direção de uma ética e de uma estética da linguagem, Bakhtin contribuiu para os fundamentos de um novo ponto de vista a respeito da linguagem humana, com isso estabelecendo uma postura epistemológica que atribui uma dimensão sócio-histórica aos sujeitos e que se estende a uma teoria educacional emancipadora.

Esse filósofo, considerado um dos mais expressivos teóricos da literatura no século XX, desenvolveu estudos que lhe permitiram buscar o entendimento da dinâmica das relações entre a linguagem e a vida social, constituindo uma obra que começou a ser publicada no Brasil apenas no final da década de 1970.

No livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (1986) aprofundou os estudos sobre a relação entre a linguagem e a consciência. Para ele, ao lado dos fenômenos naturais, da tecnologia e dos bens de consumo,

[...] existe um universo particular, o universo dos signos [...] [Por sua vez, um signo] não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico [...]. O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico (BAKHTIN, 1986, p. 32).

A contribuição de Bakhtin é reconhecida por muitos pensadores como extremamente significativa na leitura das relações sociais dos sujeitos da sociedade de classe. Entre eles, encontra-se Todorov (1981), que dá difusão à obra de Bakhtin quando destaca sua importância para a construção de um novo paradigma epistemológico que se caracteriza por uma visão unitária do campo das ciências humanas. E nestas, em especial, as construções de sentido, expressas em enunciados, são fundadas em interpretações do mundo das relações sociais em contextos históricos.

Os enunciados que permitem o conhecimento apresentam-se em textos elaborados na mediação discursiva entre o “eu” e o “outro”, e que só têm significado no “nós”, dentro do contexto social. Essa forma de elaboração ativa do leitor/escritor possibilita conectar o texto em construção com outros textos, para construir o seu próprio texto. De acordo com esse mesmo autor, no que concerne às ciências humanas, o objeto de fato é o texto produzido pelo homem, e essas ciências são ciências do homem, não de algo sem voz como um fenômeno natural.

A linguagem, para Bakhtin, perpassa os sujeitos e se configura nas relações sociais. Com essa visão, ele se opõe à linguística estrutural de Saussure, seu fundador, postulante da compreensão da língua como algo abstrato, isolado do contexto e em que também se verifica a dicotomia entre forma e conteúdo. A substância da língua, nessa perspectiva, como frisa Bakhtin ao se contrapor a essa visão, é o seu sistema de formas normativas. Sintetizamos essa perspectiva teórica nas seguintes proposições:

1. A língua é um sistema estável e imutável de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida, tal qual à consciência individual e peremptória para ela;
2. As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado. Tais leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva;
3. As ligações linguísticas específicas não dizem respeito a valores ideológicos (artísticos, cognitivos, outros). Não se encontra nos fatos linguísticos nenhum motor ideológico. Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência nem vínculo artístico.
4. Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas, ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança do ponto de vista do sistema é mesmo desprovida de sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos: eles são estranhos entre si (BAKHTIN, 2002, p. 82-83).
5. Sob a perspectiva bakhtiniana, o enunciado humano não é individual e monológico, mas produto da interação entre língua e contexto de enunciação, contexto esse que pertence à história. Dessa forma, esse notável pensador russo inaugura não só a análise formal das ideologias, como também uma nova compreensão da linguagem como poética. No entender de Bakhtin, a palavra é concebida como signo; como tal, deve ser percebida como originária da relação social e está presente em todos os atos de compreensão e interpretação. Dessa maneira, como os signos mediam a relação do homem com sua realidade – como material semiótico de sua consciência –, toda

atividade mental do sujeito pode ser expressa sob a forma de signos, exteriorizando-se por meio de palavras, mímica, ou outro meio decorrente do discurso interior. “O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes [...]” (BAKHTIN, 1986, p. 32).

6. Pode-se concluir que o signo é vivo e móvel, plurivalente, polifônico, abrindo espaço para a fala do outro.

A consciência individual adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado, o que se dá no curso de suas relações sociais: “Os signos são os alimentos da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica da interação semiótica de um grupo social [...]” (BAKHTIN, 2002, p. 35-36). A dialética interna dos signos revela a descoberta dos sentidos possíveis nos textos. Por conseguinte, o sentido e a significação dos signos dependem das relações entre os sujeitos, sendo construídos na interação entre os envolvidos no processo dialógico. A partir da compreensão dessa premissa, a classe dominante tem interesse em tornar o signo monovalente, uma vez que, dessa forma, implicaria uma só voz, uma única direção, um mesmo significado, facilitando a manutenção da hegemonia dessa classe no poder.

Neste contexto, parafraseando Goulart (2003), inclui-se o fato de que em todo signo confrontam-se discursos contrários, tornando-os vivos e dinâmicos nas elaborações das classes sociais quando constroem significações a partir da mesma língua. O signo, nessa perspectiva, pode ser considerado um instrumento de refração e deformação do ser, posto que a classe dominante tende a atribuir-lhe um caráter intangível, acima das diferenças, reafirmando a observação anterior.

A alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção; é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro. Nesse sentido, a existência do eu individual só é possível mediante o contato com o outro nas relações sociais e o uso da língua vincula-se a todas as esferas da atividade humana.

A utilização da língua efetua-se na forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana: “[...] Qualquer enunciado considerado isoladamente

é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros de discurso [...]” (BAKHTIN, 2000, p. 279). Esses gêneros de discurso organizam os conhecimentos de determinadas maneiras, associadas às intenções e propósitos dos locutores. O discurso é composto por diversas vozes, cuja consciência e controle escapam em parte ao locutor, manifestando-se em cada ato enunciativo. A essa característica discursiva Bakhtin denominou polifonia, pela qual cada fala, cada enunciação expressa uma multiplicidade de vozes, algumas arregimentadas intencionalmente pelo locutor e outras das quais ele não se dá conta (BAKHTIN, 2000).

Proseguindo na leitura da teoria bakhtiniana, evidencia-se a contribuição de Júlia Kristeva (1970). Para esta autora, a palavra ganha espaço no dialogismo. Em toda palavra, há uma palavra sobre a palavra, sendo esta a condição da polifonia e, conseqüentemente, do espaço intertextual. No que se refere ao intertexto, considera-se que ele é um enunciado que descreve outro enunciado proferido anteriormente, reafirmando ideias de Todorov (1981). Nós somos, pois, perpassados pelos discursos anteriores e construímos os enunciados nas relações sociais, dando-lhe sentidos nos contextos históricos nos quais dialogamos. O diálogo entre discursos é infinito, é um princípio formal inerente à linguagem que justifica a noção da incompletude do conhecimento gerado na polifonia dos homens-sujeitos da sociedade em transformação.

Os discursos se interpenetram, possibilitando novas construções de sentido nos contextos dos diálogos, sendo muitas as vozes a serem consideradas, o que requer do pesquisador cuidados específicos na interpretação dos significados na sala de aula convencional ou virtual.

Dessa maneira, o pensador russo lega-nos o conceito basilar como o da linguagem dos sujeitos numa relação dialógica, seguindo o princípio da alteridade, nas muitas vozes que se levantam para serem ouvidas, com mesmo valor, na polifonia das relações sociais, tendo como base os signos de construção ideológica. Esse conceito possibilita a apropriação de uma linguagem humana mais ampla na configuração dos atos e ações dos homens nas suas relações uns com os outros e destes com a natureza, o que constitui uma notável filosofia de vida.

Para a formação dos formadores esse pressuposto trás grandes possibilidades. Ao suscitar o repensar da prática pedagógica unidirecional para a constituição da prática pedagógica polifônica, tem-se a construção coletiva e

emancipadora de enunciados, textos e contextos cujos conhecimentos e valores são produzidos pelo trabalho resultante das relações sociais mais horizontais. No ato educativo é possível pressupor uma mudança nas relações entre os sujeitos: professores e alunos, nas quais a polifonia se sobrepõe ao silêncio e ao isolamento das vozes, gerando uma relação dialógica para além das palavras e, assim, produzindo significado às diversidades e às diferenças na complexidade das relações sociais.

Abordagem marxista da perspectiva bakhtiniana: implicações para a pesquisa e a docência

A abordagem marxista da perspectiva bakhtiniana está no contexto da pesquisa social que considera tanto a linguagem quanto a consciência expressões da relação do homem com o mundo nos níveis social e natural. A partir disso, tem-se que: “[...] a consciência da necessidade de estabelecer relações com os indivíduos que o circundam é o começo da consciência de que o homem vive em sociedade [...]” (MARX; ENGELS, 1986, p. 44). E a partir do momento em que o homem estabelece a consciência, primitiva num primeiro momento e cada vez mais refinada com o passar dos tempos, ele estabelece a divisão do trabalho material e espiritual. No entanto, Marx afirma que “[...] não é a consciência dos homens que determina seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência [...]” (MARX, 1971, p. 29), salientando, dessa forma, a primazia do material sobre o imaterial, visto que em sua concepção de homem, e conseqüentemente de história, trata-se do homem concreto, aquele que tem necessidades materiais e imateriais e que trabalha para satisfazê-las.

Para Bakhtin (2004, p. 86), da mesma forma que o conteúdo da consciência e de todo o psiquismo, as enunciações isoladas “[...] são determinadas, sob todos os aspectos, por fatores socioeconômicos [...]”. Desse modo, para ele, a autoconsciência leva o sujeito a perceber sua existência enquanto pertencente a uma classe.

No contexto dessa abordagem, destaca-se o estímulo à reflexão sobre a pesquisa feita por Bakhtin em *Por uma metodologia das ciências humanas*, quando afirma que as ciências humanas não podem, por ter objetos distintos,

utilizar os mesmos métodos das ciências exatas. As primeiras estudam o homem em sua especificidade humana, que constitui um processo de contínua expressão e criação. Assim, considerar o homem e estudá-lo independentemente dos textos que cria significa situá-lo fora do âmbito dessas ciências. Tomando como referência o alerta de Bakhtin no trato das ciências humanas, enfatizamos as seguintes premissas para uma metodologia de pesquisa social e educacional e para a verificação de suas implicações na docência:

- pesquisados e pesquisadores são sujeitos da ação;
- as relações entre os sujeitos acontecem num determinado e irrepetível momento histórico;
- as vozes dos sujeitos envolvidos na pesquisa têm o mesmo valor;
- a palavra perpassa os sujeitos na incompletude do conhecimento;
- a construção do “nós” na sociedade inclui o entrelaçamento dos vários saberes;
- a formação do professor passa por uma reflexão que busca descobrir os significados das relações sociais dos grupos étnicos, heterogêneos, diversos, complexos, multidimensionais, quando a leitura da realidade pode ser feita sob a perspectiva da alteridade;
- o ato educativo é dialógico, sendo que a polifonia marca as relações horizontais desse ato; a pesquisa, por sua vez, constitui uma alternativa para identificar e organizar os significados implícitos e explícitos nas relações entre os aprendentes daquele grupo social.

Por isso, todo o verbal no comportamento do homem (assim como os discursos interior e exterior) de maneira nenhuma pode ser creditado a um sujeito singular tomado isoladamente, pois não pertence a ele, mas sim ao seu grupo social (ao seu ambiente social) (BAKHTIN, 2004, p. 86).

Considerações finais

A contribuição de Bakhtin representa uma abordagem que se distingue do enfoque positivista por usar uma linguagem que considera pesquisadores e

pesquisados como sujeitos e objetos da ação, inseridos numa sociedade situada no tempo e no espaço sócio-histórico, político e cultural, e numa relação social dialógica e polifônica que reconhece o princípio da alteridade. Neste contexto, a abordagem marxista permite uma visão não linear da realidade e abre espaço para uma compreensão não fragmentada dos sujeitos como produtores de conhecimento.

Diante disso, é possível estabelecer um diálogo entre Bakhtin e Freire? Ao analisar os discursos desses autores, Moraes, Dias e Fiorentini (2006) e Moraes (2006), eles argumentam que, apesar dos diferentes enfoques epistemológicos (Bakhtin é marxista e Freire é fenomenólogo), ambos têm em comum: a linguagem, como expressão de relações sociais e de classe; o dialogismo (Freire) e a polifonia (Bakhtin) sendo preferíveis ao monólogo (Freire) ou à monofonia (Bakhtin), e a palavra como expressão da consciência. Nessa direção, as autoras argumentam que:

Depreende-se, dessa conjunção de idéias, que o educador cujo diálogo seja polifônico (poético) tenderá a respeitar os alunos e orientará a mistura de suas falas e vozes, não no sentido ainda restrito do consenso, mas em uma abordagem plural, pois a heterologia ou pluridiscursividade (Bakhtin) é uma das características do dialogismo polifônico e constitui, do ponto de vista da pedagogia do oprimido (Freire), um diálogo rumo à emancipação (MORAES; DIAS; FIORENTINI, 2006, p. 10).

Os apontamentos feitos aqui visam, por fim, propiciar ao pesquisador a revisão de suas referências e abordagens em relação ao sujeito, o que pode promover um redimensionamento do outro na pesquisa educacional, com reflexos na docência. Certamente, permitirá a construção de indicadores metodológicos para levantamento e análise de informações que transcendam a simples observação dos fatos.

Muitos aspectos ainda poderão ser explorados por outros estudiosos desse entrecruzamento da abordagem marxista da pesquisa educacional e o pensamento bakhtiniano, com possibilidade de novos modos de ensinar no contexto das bases material e espiritual das relações sociais que facilitem a leitura do homem – sujeito e agente – da transformação social na construção de um mundo solidário, justo e igualitário.

Referências

- BAKHTIN, M. M. *La poétique de Dostoïevski*. Paris: Seuil, 1970. (Trad. livre).
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*: Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *O freudismo. Um esboço crítico*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Org.). *Ciências humanas e pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2003. (Questões da Nossa Época, v. 107).
- GOULART, C. Uma abordagem bakhtiniana da noção de letramento: contribuições para a pesquisa e para a prática. In: FREITAS, M.T.; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Org.). *Ciências humanas e pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2003. (Questões da Nossa Época, v.107).
- KRISTEVA, J. Une poétique ruinée. In: Bakhtin, M. M. *La poétique de Dostoïevski*. Paris: Seuil, 1970. (Trad. livre).
- MARX, K. *Contribuição para a crítica da economia política* (Prefácio). Lisboa: Estampa, 1971 (Col. Teoria).
- MARX, K.; ENGELS, F. *Ideologia alemã: Feurbach*. 2. ed. Tradução José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MEKSENAS, P. *Pesquisa social e ação pedagógica*: conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Loyola, 2002.
- MORAES, R. de. A.; FIORENTINI, L. M. R.; DIAS, Â. A. C. As tecnologias da informação e comunicação na educação: as perspectivas de Freire e Bakhtin. *UNRevista*. São Paulo: v. 1, n. 3, jul. 2006.
- _____. É possível uma linguagem crítica na educação? *Linhas Críticas*, v. 12, n. 23, p. 205-216, jul./dez. 2006.
- STAM, R. *Bakhtin*: da teoria literária à cultura de massa. Tradução Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 2000.
- TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine*: le principe dialogique. Paris: Seuil, 1981. (Trad. livre).
- TOLEDO, M. R. A Mikhail Bakhtin: itinerário de formação, linguagem e política. In: FARIA FILHO, L. M. (Org.). *Pensadores sociais e história da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 99-118.

recebido em 17 set. 2012 / aprovado em 26 fev. 2013

Para referenciar este texto:

MORAES, R. A.; PAULA, N. M. Apontamentos sobre o pensamento de Mikhail Bakhtin: reflexos na pesquisa e docência. *Dialogia*, São Paulo, n. 17, p. 127-136, jan./jun. 2013.